

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA – ÁREA DE GESTÃO

LUANA BRANCALHÃO DE SOUZA

**A INFLUÊNCIA DA NOVA IDADE MÉDIA PARA A EDUCAÇÃO EM UMA
SOCIEDADE GLOBALIZADA**

MARINGÁ
2012

LUANA BRANCALHÃO DE SOUZA

**A INFLUÊNCIA DA NOVA IDADE MÉDIA PARA A EDUCAÇÃO EM
UMA SOCIEDADE GLOBALIZADA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Estadual de Maringá, como requisito integral para a obtenção do título de graduada em Pedagogia.

Orientador: Prof.º Dr. Célio Juvenal da Costa

MARINGÁ

2012

LUANA BRANCALHÃO DE SOUZA

**A INFLUÊNCIA DA NOVA IDADE MÉDIA PARA A EDUCAÇÃO EM UMA
SOCIEDADE GLOBALIZADA**

Trabalho de Conclusão de Curso

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Msc. Vanessa Bertoletti- UEM

Prof^a. Msc. Nathalia Barbosa Limeira- UEM

Maringá, 27 de Setembro de 2012.

AGRADECIMENTOS

Ao término deste curso é quase impossível não pensar em como foi o começo, o primeiro dia e o primeiro mês de aulas. As primeiras angústias por não compreender os conteúdos, a adaptação e as amizades... O tempo tem seus segredos e quando se aprende a ter um pouco de paciência os medos passam. E os problemas lhe ensinam novas lições quando você decide lidar com eles de frente.

Cinco anos se passaram.

Diante da preciosidade que este momento significa a mim seria impossível não agradecer ao Grande Espírito que rege todas as coisas, o Senhor de Muitos Nomes, mas de apenas um Coração. Agradeço-lhe pelo auxílio, pelas lições e pelas provas que ocorreram e que ainda ocorrerão.

Agradeço a minha mãe, que é meu esteio e minha base nessa vida, que me oferece as condições para que eu realize meus sonhos e que me apoia mesmo quando não concorda comigo. Ao meu pai pelos conselhos e pela presença nos eventos importantes, por estar ao meu lado.

As minhas irmãs Aline e Kelly, por me apoiarem no decorrer desses cinco anos, só vocês podem saber como precisei de favores, de broncas e abraços!

Agradeço também a um amigo que tenho como mestre, Marcelo Jardim, pelos momentos passados juntos, seja nas aulas em Nova Acrópole, nos direcionamentos dados ou nas broncas. Mas principalmente pela fé que o senhor tem em cada um que está sob seu cuidado. A Gilmara Brentan, uma grande dama e educadora, fonte de inspiração em atos, palavras e sentimentos.

E aos amigos Carlos Nagasse, Joel Azevedo, Roberta Mertz, Layra Moraes, Pedro Gabriel, Maria Regina, Dulce e Elisa. Também a Paulo Ravagnani e a Carla Freitas que mesmo distantes permanecem em minha mente e em meu coração. Esses são meus companheiros de trilha que me acompanham nas dificuldades e nas alegrias, que viram cada movimento de esforço, cada dúvida sendo resolvida, cada passo que eu dei, é grandes exemplos a serem seguidos: a Paciência, a Disciplina, a Ordem e a Amizade, o Valor, a Alegria, a Nobreza, Tenacidade, a Doçura, a Retidão, e a Constância. Obrigada pela oportunidade de conviver com cada um de vocês.

Obrigada também a meu orientador Célio Juvenal da Costa, principalmente pela paciência que, imagino, foi necessária... Agradeço ainda a um grande educador chamado Miguel Echenique Isasa, exemplo de um educador por excelência!

“Toda atividade prática carece de valor se quem a realiza não conhece o motivo de suas ações.”

Délia Steinberg Gusmán

“O importante não é saber muitas coisas, mas viver algumas”.

Jorge Angel Livraga

“A verdadeira guerra se trava no interior.”

Talal Hussein

A Influência da Nova Idade Média para a Educação em uma Sociedade Globalizada

Luana Brancalhão de Souza¹
Dr. Célio Juvenal da Costa²

RESUMO:

Diante das crises e mudanças enfrentadas pela sociedade mundial no século XX diversos autores determinam certas características de desestruturação, flexibilização e até liquidez nos valores, princípios e até mesmo nas relações entre as pessoas. Tal período foi concebido como um novo período medieval, processo pelo qual estamos passando. Marcado por fortes contrastes, esse processo toca variados pontos da vida do homem. Acredita-se que sua influência se estenda também aos setores educativos, visto que são componentes utilizados pela sociedade para a formação dos homens. Por meio da pesquisa bibliográfica de autores que abordam o tema, aliada a uma análise e reflexão histórica, se busca de uma definição e uma caracterização da idade média atual em paralelo com a velha idade média, e de uma relação existente entre a primeira e o fenômeno educativo dentro das instituições educativas.

Palavras-chave: Nova idade Média; Paralelos; Educação.

The Influence of the New Middle Ages for Education in a Globalized Society

Abstract

Front of the crises and changes faced by the world society in the 20th century, several authors recognize certain characteristics of destructuring, flexibilization and even fragility of values, principles and relationship among people. This time is considered a new medieval period, process which we have been through. Being highlighted by strong contrasts, this process influences different aspects of men's life. It's believed that its influence has affected educational areas, once those components are used by society in order to shape men's character. By means of bibliographical research into authors who deal with this topic, linked with the historical analysis and considerations, we aim at defining and characterizing the current medieval age, comparing it to the old one and searching for the relation between the new one and the educational phenomenon inside educational institutions.

Keywords: New Middle Ages; Parallels; Education.

¹ Acadêmica do curso de pedagogia da Universidade Estadual de Maringá.

² Professor adjunto do departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Estadual de Maringá e orientador deste trabalho

INTRODUÇÃO

Diante dos grandes contrastes encontrados na sociedade contemporânea a nível internacional os pesquisadores abordam tais problemáticas segundo distintas concepções teóricas, visto que não é um fato inédito o ser humano, em seu processo de ação-reflexão, por meio da interação com objetos e pessoas, criar perguntas que necessitam de respostas, de explicações para o que lhes acontece.

A construção do saber científico não se exclui desta característica humana, pois trata de buscar resposta a questionamentos desenvolvidos ao longo de processo. Ainda que em sua especificidade como atividade tenha em destaque a utilização de métodos que tratem da realidade material construída no decorrer da história.

Neste sentido, ao se tratar dos referidos contrastes abordados inicialmente pensa-se nas problemáticas da desigualdade sociais, das crises econômicas, dos conflitos armados, os racismos, a violência, o **vazio** dos governos estabelecidos, bem como uma falta de paradigmas a serem seguidos. Todos esses elementos abordados pelos autores estudados tratam da conceituação dos períodos medievais em suas pesquisas e remetem-se as relações sociais estabelecidas dentro de um espaço temporal humano, que vai para além de uma nomeação do período histórico empreendido entre a Antiguidade Clássica e a Idade Moderna. Constituído como uma “imagem histórica”, ou antes, um conceito complexo para se determinar períodos de mudanças nos quais se faltam princípios e bases, sejam econômicos, sociais ou culturais, para nortear conceitos, costumes, conceitos éticos e morais e as ações politicamente aceitas em um nível coletivo.

Diante disso, compreende-se a Nova Idade Média como um conceito constituído por estudiosos de diversas áreas da ciência a partir do início do século XX para tratar das mudanças socioeconômicas e políticas deste período, ocorridas em um ritmo cada vez mais acelerado e que influenciam diretamente a desestruturação geral de valores e práticas que ocorrem atualmente e que interferem em todos os setores e instituições sociais, e dentro destes está o fenômeno educativo em um sentido amplo.

Tal conjunto de ideias acaba por conformar um tipo de cultura que influenciará diretamente os conteúdos escolares, como estes são desenvolvidos desde suas bases científicas até a sua transmissão aos educandos de determinada instituição. Em geral, estes grupos são fragmentados e instáveis, pois variam em um curto período e tempo. São “líquidas” segundo as palavras de Zygmunt Bauman (2009).

E tal liquidez para além dos conteúdos, influenciará diretamente as concepções de homem, sociedade e educação presentes no contexto atual, visto que os modelos civilizatórios existentes ainda que presentes tornam-se frágeis perante as ações desenvolvidas na vida dos homens e, paulatinamente, observa-se o abandono destes.

1) MAS AFINAL O QUE É A NOVA IDADE MÉDIA?

O conceito a ser apresentado é abrangente e complexo por se tratar de uma **visão histórica**, visto que para sua constituição foi selecionado por autores como Délia Steinberg Gusman, Maria Dolores Fígares, Franscesco Alberon, Fúrio Colombo, Umberto Ecco, Giuseppe Sacco e Allain Minc em um determinado período da história, analisada segundo as relações socioeconômicas e culturais de variados grupos sociais inseridos neste. E advindos destes estudos e reflexões, conseqüentemente, se desenvolveram os conceitos da Nova Idade Média. Cada pesquisador se baseou em um aspecto distinto da sociedade para descrever o conceito de **neo-medievalidade** e trazem grandes contribuições para se pensar nas influências que a educação, como instituição humana, sofre dentro deste processo.

Por tratar-se de um conjunto de relações estabelecidas pelos grupos sociais há diversos elementos a se considerar que serão explicitados, ou mesmo citados nesta pesquisa. No entanto, anteriormente seria interessante considerar a idade média em si como um objeto de estudo não **novo** (no contexto mais recente). Mas com um acervo considerável de pesquisas e leituras a seu respeito, diversos pesquisadores nas áreas da história, pedagogia, filosofia e áreas afins se dedicaram a descrevê-la e a analisa-la desde o século XIX a até a Idade Contemporânea.

Os pensadores franceses do século das luzes ao nomearem Idade Média como um período de tempo de aproximadamente mil anos, conceberam-na como um período no qual perduraram as trevas da ignorância sobre a população europeia. Os historiadores atuais propõem que essa época durou da queda do Império Romana Ocidental com o declínio de Roma em 476, até a queda do Império Romano Oriental com a tomada de Constantinopla pelos Turcos Otomanos em 1453. E se insere entre a Antiguidade Clássica e ao advento da Idade Moderna.

Terezinha Oliveira (2005) discute que o estudo do pensamento medieval só pode ocorrer mediante a uma quebra de conceitos que nos foram apresentados sobre a Idade Média desde os tempos escolares e que são herança dos iluministas.

Dois aspectos fundamentais devem ser considerados na análise desse momento da filosofia.

O primeiro diz respeito a uma ideia equivocada de que a Idade Média foi um período marcado por unicidade e constância e por uma única maneira de viver e de pensar. Ao contrário, ela se modificou constantemente, em virtude das vicissitudes que assolavam as relações humanas: ora foi marcada por invasões, ora assumiu a forma de relações feudais e mercantis. Aqui ela se volta para a investigação da natureza; lá cria as corporações e ofício e as Universidades. Em síntese, não existe uma época medieval e um homem medieval no singular, mas, sim, mudanças constantes provenientes das diferentes formas de os homens se organizarem e que caracterizam o medievo. (Oliveira, 2005, p.79)

A autora ressalta há uma mudança contínua de situações presentes na Idade Média, que por muitas vezes é tida como parada, única, cristã e cheia de credices e obscurantismo intelectual, tais características são traços da herança iluminista. Esses olhares sobre a Era Medieval desconsideram os acontecimentos resultantes das ações dos homens, os conflitos gerados tanto no material quanto em um aspecto ideológico e que provocaram mudanças de curta e de longa duração no decorrer dos vários séculos. Logo a visão histórica de uma Idade Média conflitante e de mudanças se faz mais coerente segundo o próprio movimento histórico. Faz-se necessário também buscar as raízes da visão de estagnação, pois os movimentos dos homens nas sociedades, visando transformá-la tem em seu cerne um conjunto de ideologias que por não servirem mais ao seu tempo tem de ser trocadas ou readaptadas pelas a elite de seu tempo para justificar as transformações ou manutenção da sociedade vigente.

Um exemplo do fenômeno citado acima está em uma das inovações ocorridas na Idade Moderna em relação à estratificação social, a supremacia da classe burguesa em relação ao regime monárquico. A classe surgida na Baixa Idade Média se organizou e, paulatinamente, foi tomou o poder para si. Primeiramente, no processo de formação dos estados nacionais esteve ao lado dos reis garantindo que o poder permanecesse nas mãos destes, porém conseguiram se elevar de simples comerciantes por conta de seus bens materiais. Em um segundo momento, quando

o regime decaiu os burgueses permaneceram em posse de seu poder ao dominar os meios de produção.

Dermeval Saviani (2009) ao discutir sobre a universalização do ensino escolar as massas resgatou uma ideia valorosa em relação à necessidade de mudança dos conceitos e valores medievais.

[...] Para superar a situação de opressão, própria do 'Antigo Regime', e ascender a um tipo de sociedade fundada no contrato social celebrado 'livremente' entre os indivíduos [...]. Só assim seria possível transformar súditos em cidadãos. (SAVIANI, 2009, p.5)

O modelo monárquico não foi capaz de se sustentar e teve de ser alterado na idade moderna, o meio encontrado para sua superação foi à formação escolar do povo a fim de transforma-los em súditos. Segundo Saviani (2009) foi necessária uma mudança na mentalidade das pessoas para transformar a sociedade baseada na relação rei – súdito para outra: governo-cidadão. Mesmo que alguns países tenham mantido as monarquias, com a criação e influência da classe burguesa, as relações políticas e econômicas transformaram a forma de subsistir nas sociedades com o trabalho assalariado, as relações de produção e a nova concepção de consumo. Toda uma mentalidade teve de ser transformada e toda cultura se adaptou.

De maneira semelhante, os pensadores iluministas do século XIX para romperem com os valores e princípios medievais em favor de uma sociedade de uma pauta no conhecimento racional, tido como verdadeiro e absoluto; velaram a cultura construída na era medieval e constituíram uma narrativa de atraso intelectual, superstição religiosa e ignorância da maioria da população. A partir disso, é possível considerar a reflexão de Oliveira (2005), quando ressaltar a necessidade de lutas ou não contra os valores medievais.

O segundo aspecto é a necessidade de se despir dos preconceitos sobre a Idade Média. Merecem destaque os que foram deixados pelos humanistas e iluministas da modernidade, os quais a caracterizaram como um período obscurantista, povoado por Santos e vazios de reflexões. É verdade que, para romper com o mundo feudal, esses filósofos precisaram combater a filosofia cristã, tinham,

portanto, uma razão histórica para negar o saber medieval. No entanto, não existe razão para que os homens da atualidade lutem contra a medievalidade. (OLIVEIRA, 2005, p.80)

Desta maneira, há a necessidade de se reconhecer as relações veladas que existem entre os conceitos que servem de base para a cultura, pois os momentos históricos privilegiam este preceito ou aquele, bem como há determinado motivo para adotá-lo.

1.2 A POSSIBILIDADE DE GENERALIZAÇÃO DOS PERIODOS MEDIEVAIS.

O conceito de “Nova Idade Média” originado por Nicolás Berdiaeff (1936) é definido como “(...) a queda do princípio legítimo do poder e do princípio jurídico das monarquias e das democracias e a sua substituição pelo princípio da força, da energia vital, das uniões e dos grupos sociais espontâneos.” (BERDIAEFF, 1933, p.23). O autor renova o termo Idade Média, desenvolvido pelos iluministas franceses no século XVIII, para caracteriza-lo como um período de mudanças no qual o princípio de legitimidade do poder atribuído à classe governante decaiu em uma fragmentação desmedida, em um conjunto de valores e práticas sem firmeza em favor da ação de outros grupos sociais.

O termo legitimidade não se refere unicamente a uma designação legal perante o corpo das leis, visto que em qualquer momento é difícil relacionar o valor ético presente nas leis a uma prática social imbuída deste mesmo valor, o movimento da formulação, promulgação e aceitação necessária para que uma lei seja introduzida pela sociedade é mais lenta que as práticas desenvolvidas no meio social. No entanto, o contrato social existente nas leis precisa ter certo grau de compatibilidade, ainda que mínimo para além de todas as contradições encontradas.

Além deste aspecto geral de conturbação, é possível encontrar em variados manuais e livro de história antiga referências dessa característica de generalização, visto que é colocada por autores a existência de uma idade média nas civilizações em geral, como a grega quando a escrita deixou de ser utilizada pelos helenos. Este período está narrado nas obras de Homero e Hesíodo, porem falta a possibilidade de

se determinar os fatos que ocorreram. Sabe-se, em linhas gerais, que as cidades se desintegraram e a escrita desapareceu do convívio dos homens, a cultura passou a ser transmitida pela via oral.

Outras civilizações também passaram por esse movimento de maneiras semelhantes com suas desestruturações, crises e busca por novas formas de modelos civilizatórios.

Neste sentido, não se pode conceber como única Idade Média, a europeia, visto que adentraremos ou já estamos em um período medieval a partir do momento em que as formas de ser do modelo civilizatório proposto já não são capazes de responder as necessidades da sociedade. Estes são deixados para trás em um processo lento, mas contínuo.

2 UMA NOVA IDADE

Ao se tratar da concepção de uma visão histórica para um período de tempo determinado, é possível falar não uma única visão, mas de várias. Tal fenômeno ocorre com o conceito de Nova Idade Média, que pode apresentar como trágica e apocalíptica nas reflexões de Roberto Vacca (1975), um matemático italiano, que aplicou princípios da análise de dados a reflexão histórica, baseada em um futuro processo de brusca desestruturação social e econômica em todo o mundo da partir da falha de instrumentos tecnológicos nas áreas das comunicações e transporte.

Apesar do caráter demasiado determinista e trágico, Vacca (1975) relembra a fragilidade das inovações tecnológicas e a grande dependência dos homens em relação a elas, bem como as distintas maneiras em que pode ser utilizada visando melhorias ou um controle desenfreado por parte do poder de grupos sociais sobre outros.

Como de costume, o risco mais grave não está estreitamente relacionado à simples existência dos meios mecânicos e automáticos modernos, mas ocorre quando estes meios são utilizados por indivíduos no poder e por organizações com fins meramente nocivos (VACCA, 1975, p.88).

Outros autores já buscam um olhar mais comedido que se insira na realidade atual, sem grandes previsões para o futuro, tendo olhos em um passado recente. Allain Minc (1994) propõe os termos neomedievais em pauta a partir dos conflitos dos países Balcãs no período pós- guerras mundial. Neste sentido, focaliza o continente europeu para tratar da desestabilização político e social, carente de modelos.

[...] Quando da primeira Idade Média, a fluidez e a incerteza reinavam de um “espaço de duas dimensões”, isto é, para a apropriação da terra e de um poder ainda impreciso. Com a segunda Idade Média, elas voltam com tudo, desta vez num espaço de “*n* dimensões”, simbólicas, reais, mitológicas, virtuais..

Mas as instituições ainda estão inconscientes diante dessa confusão; elas só se percebem em escala mundial, tornando-se de tal forma minoritárias que, mesmo no Ocidente [europeu], uma parte cada vez maior da sociedade lhes escapa. O Estado tenta inutilmente se mostrar esmiuçador e onipresente; ele está em recuo. Em todas as suas funções, sociais e ou repressivas, ele perde terreno, incapaz de enquadrar uma realidade que volta às normas de funcionamento mais primárias. As normas jurídicas parecem estar em pleno avanço: elas só aludam o funcionamento da sociedade oficial. Os procedimentos sociais parecem estar cada vez mais completos: eles veem, a cada dia, novas populações lhes escaparem. A repressão pretende perseguir as formas de delinquência mais sofisticadas; ela precisa coabitar com uma ilegalidade em firme desenvolvimento. (MINC, 1994, p. 55-56)

Nesse sentido, o autor relaciona a partir da comparação entre dois períodos históricos distintos, mas com semelhanças em relação aos movimentos ocorridos no processo, e demonstra que o grau da complexidade deste tem aumentado no segundo período medieval mais recente.

A capacidade dos governos em manter a ordem tão almejada tem se comprovado falaciosa. Os conflitos entre os distintos grupos sociais tem se tornado constante e neste jogo de forças não é possível vislumbrar claramente o papel do Estado e como ele se responsabiliza por essas crises. Para este autor, a crise

adentra o coração das sociedades democráticas desestabilizando valores, provoca o abandono das formas tidas como tradicionais em um constante adequar-se a situações presentes.

E entre tantas visões, para além de previsões vagas e pessimistas, se tem a Nova Idade Média, nas palavras de Délia Steinberg Guzmán (1996), como

“(...) uma imagem histórica, ou seja, um ambiente, um estado de ânimo generalizado, em que há uma série de fatores, de estruturas comuns que surgem sempre em todas as idades médias e que nos permitem identificá-las como tais.” (STEIMBERG; FÍGARES, 1996, p.15).

Para tanto, traçar paralelos entre a Velha e a Nova Idade Média permite um melhor entendimento do contexto atual e uma maior profundidade de consciência histórica. Em relação à Velha Idade Média e a Nova Idade Média consideram-se ambas como um difícil período de se determinar em números e datas, pois seus fenômenos são observáveis mais diretamente nos diversos movimentos e ações, geradores de constantes desestruturações na maneira do homem subsistir e colocar-se na sociedade. Eis alguns elementos da Nova Idade Média.

2.1 PARALELOS ENTRE A NOVA E A ANTIGA IDADE MÉDIA: A DESESTRUTURAÇÃO POSTA DE FRENTE

Nas palavras das autoras Guzmán e Fígares (1996) estão resumidamente apresentados um conjunto das crises socioeconômicas e culturais em nível mundial que as sociedades vem enfrentando já nos primórdios do século XX, que levaram distintos pesquisadores a refletirem a concepção neomedieval e a iniciação da diluição dos valores tradicionais da ordem e do progresso.

Estamos a beira de uma nova idade média? “O vazio de poder, o derrube das velhas ideologias, os separatismos, as limpezas étnicas”, o ódio de todos contra todos, a violência pela violência, a competição cruel e imoral, o desemprego galopante, os novos racismos e a conseqüente intolerância, a queda das igrejas seculares e o aparecimento de novas seitas religiosas, o nomadismo que reaparece...

[...] Do mesmo modo que após a queda do Império Romano surgiu a Idade Média, também a nova idade média surgirá da queda desta forma civilizatória. (GUSMÁN; FÍGARES, 1996, p.6-7)

A breve exposição do conjunto de crises e desestruturações abarcam em seu cerne movimentos comum as idades médias: as invasões, o medo, o desespero, a valorização da flexibilidade e o constante devir de costumes, conceitos e ações. Para Fígares (1996), estes movimentos se apresentam em:

Uma paz que desmembra

Ao referir-se a tal paz não se discute que um sentido de tranquilidade, em espírito fraterno, mas antes em um equilíbrio de forças que são conflitantes. Umberto Ecco (1984) o traduz na comparação entre a *Pax Romana*, um período sem conflitos armados com os dominados que Roma atingiu já em fins de seu auge, com nomeado por ele “*Pax Americana*” que se relaciona ao domínio ideológico, financeiro e armado que os Estados Unidos passou a exercer no período decorrente da Segunda Grande Guerra.

Uns bárbaros que pressionam

Segundo Fígares (1996) este elemento se traduz na migração de grandes grupos adentram territórios habitados anteriormente, estes procuram fugir de guerras, dos conflitos, das perseguições, da fome e trazem consigo costumes e culturas distintas. Pressionam as fronteiras de lugares, que identificam a si mesmos como mais civilizados, trazendo novas ideias. Tais invasões podem ser pacíficas ou gerar confronto de forças. Porém, inevitavelmente causam choques culturais.

Tais acontecimentos são vistos nas invasões bárbaras ao Império Romano, que, posteriormente, geraram a queda de Roma e em um passado mais recente o alto numero de imigrantes que adentram os países mais desenvolvidos buscando melhores condições de vida.

“A descentralização da estrutura social e a crise do controlo central dos sistemas”

Os autores Vacca (1975) e Minc (1996) descrevem este fenômeno ao relatar a falta de controle que os governos tem perante a sociedade atual, não conseguem e nem mesmo possibilitam reais condições para que a administração pública ocorra.

Minc (1996) ressalta ainda que no jogo de forças exercido pelos diferentes grupos sociais. Os grupos armados e as máfias tem seu poder cada vez mais abrangente pela força da violência e pela grande corrupção existentes nos órgãos gestores governamentais.

Quando as fronteiras romanas se tornaram desprotegidas e o império se fragmentou, os povos tidos como bárbaros, paulatinamente, conquistaram os territórios do império. Posteriormente, eles tiveram de se reorganizar a estrutura do império tendo novos líderes. De maneira semelhante, as máfias e grupos armados atuais também reorganizam as ações sociais vigentes.

“Sentimento de insegurança”

Este sentimento generalizado de medo e insegurança vai além do temor dos conflitos e da violência, atingem níveis psicológicos. Constituem-se como estados de consciência coletiva na busca por segurança atrás dos muros, que acaba isolando o homem em si mesmo.

“Tendência para que os dados importantes do saber se traduzam em imagens”

Uma maior valorização das imagens e meios de comunicação visual para garantir a transmissão de ideias e conceitos. Desde as iluminuras da Velha Idade Média ao desenvolvimento da concepção do texto como imagens na atualidade dentro da semiótica.

“Compilação e Inventário: a arte de guardar objetos”

Pela existência de um sentimento de insegurança perante o futuro e de busca do que é constante no processo histórico, procura-se guardar de forma organizada textos, obras e objetos pertencentes ao passado, de forma que proporcione possibilidades de estudo no presente e sua preservação no futuro.

“A cultura da constante readaptação”

Para Minc (1996), essa atitude perante o contexto social se origina da falta de possibilidades reais de se alcançar valores mais constantes e firmes no contexto social.

2.2 OS PARALELOS E SUA INFLUÊNCIA NA EDUCAÇÃO

De maneira distinta das semelhanças apresentadas acima, os paralelos propostos por Fígares (1996) nem sempre se dão da mesma maneira, podem produzir fenômenos semelhantes, mas gerados por causas distintas. Apesar de a autora destacar variados paralelos, foram destacados os que podem influenciar e possibilitar consequências específicas ao fenômeno educativo formal, ou seja, as instituições responsáveis por formar e educar os indivíduos, da educação básica a superior. Mas antes de adentrar o tema há um aspecto há ser retomado.

A Velha Idade Média teve a Europa como local principal onde as maiores partes dos acontecimentos ocorreram. Já nesta próxima os efeitos são sentidos por todos os países. Para Guzmán e Fígares (1996) em referência a concepção da “Aldeia Global” de Mac-Luhan a humanidade está toda relacionada. Por intermédio da globalização e dos novos meios de comunicação mais ágeis, as relações econômicas e a interação entre diferentes culturas tornaram os homens mais próximos dos conhecimentos em nível mundial e dos acontecimentos de maneira mais ativa pela facilidade de contato com os meios de comunicações.

Em relação à comunicação se tem o primeiro paralelo. Se no contexto atual há um excesso de comunicação gerado pela grande variedade dos meios, na Idade Média anterior havia a dificuldades de comunicação. A partir da decadência de Roma, a comunicação com Constantinopla tornou-se precária. Nos tempos de Carlos Magno havia a necessidade de se ter conhecimentos e técnicas do artesanato e demais artes. O imperador do Sacro Império Romano do Ocidente foi o responsável por enviar emissários à Constantinopla a fim de trazer tais conteúdos a suas terras.

No entanto, apesar da distinção entre o excesso e a falta de comunicação existente, hoje o excesso de comunicação gerou outra dificuldade: a confiabilidade na informação recebida. Diante do excesso de meios tem-se também uma pluralidade de conteúdos e informações a ser verificada. Tal facilidade ao acesso a conteúdos é enriquecedora ao estudante em qualquer nível de estudo. Mas exige dos professores e educadores a capacidade de estudo e reflexão sobre os conhecimentos a ser ensinado.

O avanço tecnológico que aumento o acesso e a velocidade de comunicação em nível mundial, também gerou um aumento na produção de instrumentos e tecnologias. No entanto, esse aumento possibilitou uma má utilização da mesma, segundo Fígares (1996) atualmente os produtos tem uma vida útil menor, pois a velocidade com que são substituídos é muito ágil. Logo o avanço gera um mau uso dos produtos que são cada vez mais descartáveis.

Além disso, o processo de produção exige dos profissionais um nível mais específico das técnicas. O trabalhador que não consegue inserir-se nesta constante formação técnica fica a margem do processo, tal como os trabalhadores que desconheciam os conhecimentos artesanais e de construção e que motivaram a busca por artesanato em outros lugares, fenômenos conhecido como o renascimento carolíngio. Essa alta velocidade influencia diretamente os curso que envolve o estudo e aperfeiçoamento de uma técnica, pois exigem dos indivíduos envolvidos a constante busca por atualizar-se.

A formulação do novo alfabeto realizado por Alcuíno de York e dos monges no período carolíngio em que nem Carlos Magno sabia ler e escrever relaciona-se diretamente a importância da linguagem digital e da comunicação cibernética que adentra todos os setores sociais.

Em um sentido mais cultural, os mosteiros medievais foram grandes guardadores dos escritos de Platão, Aristóteles e dos variados pensadores clássicos. Segundo Ecco (1984) as Universidades atuais podem ser comparadas aos Mosteiros medievais, pois muito do pensamento antigo foi guardado e recompilado pelas mãos dos monges copistas. Assim, da mesma forma na atualidade as Universidades guardam grande parte dos saberes científicos, filosóficos e culturais de variadas épocas. O formalismo intelectual dos campos acadêmicos

para Ecco (1984) também se relacionam ao rigor racional e lógico dos monges que dialogavam sobre extensos tratados filosóficos da doutrina cristã.

A violência encontrada nos velhos períodos medievais relaciona-se aos perigos nos caminhos, que prejudicava as viagens, a necessidade dos exércitos privados dos senhores feudais a fim de defender suas terras dos invasores, bem como a construção dos castelos e das cidades muradas. Esse fenômeno atualmente está na crescente aumento da violência nas zonas urbanas, na formação de grupos armados e de milícias que não servem ao governo, mas a grupos específicos e a crescente construção de locais fechados por parte das classes mais abastadas com dispositivos de segurança que isolam as pessoas cada vez mais das ruas e do convívio social. Vale ressaltar que a construção de escolas com muros e grades está cada vez mais comum.

Já a descentralização política gerado pelo regime feudal guarda relação com a fragmentação da política atual. Como já foi discutido anteriormente, o poder político perde seu espaço em várias áreas da sociedade. Além disso, os países enquanto Estados perdem seu espaço para os órgãos internacionais que por meio de seus investimentos adentram as fronteiras nacionais e determinam variados aspectos nas decisões políticas. A educação é um dos setores mais tratados por eles, no Brasil, por exemplo, as políticas educacionais internacionais determinam metas e objetivos para a política nacionais.

3 UMA EDUCAÇÃO LÍQUIDA

Diante do que foi apresentado pelos autores, os fenômenos neomedievais já podem ser sentidos nem nossa realidade cotidiana e em todas as partes do mundo. Alguns países sentem mais tais efeitos do que outros, mas todos transitaram neste solo mais frágil. E nem tudo é malefício ou pessimismo, o que se busca neste breve estudo é determinar que forças estão agindo, bem como ressaltar que não são inéditas ao ponto de nunca terem movido a mentalidade e ação humana. Pelo contrário, uma idade média faz o que está estagnado se chocar com o fluxo das novas necessidades humanas.

A educação como fenômeno social e a escola como o local privilegiado para que a ação educativa ocorra sentem tanto quando a economia e as relações políticas. O que ocorre, porém, é que há um hábito de se colocar para a escola os problemas sociais e questões polêmicas a serem discutidos. Assim, espera-se que os problemas sumam sem deixar rastros.

Saviani (2009) apresenta uma dessas situações:

No contexto da América Latina, a tendência atualmente em curso (frequentemente reforçada pelo patrocínio de organismos internacionais) de difusão da educação compensatória com a conseqüente valorização da pré-escola, entendida como mecanismo de solução do problema do fracasso escolar das crianças das camadas trabalhadoras no ensino de primeiro grau, deve ser submetida a crítica. Com efeito, tal tendência acaba por configurar-se numa nova forma de contornar o problema em lugar de atacá-lo de frente. [...] Não se trata de negar a importância dos diferentes programas de ação compensatória. Considerá-los, porém, como programas educativos implica um afastamento ainda maior, em lugar da aproximação que se faz necessária em direção à compreensão da natureza específica do fenômeno educativo. (SAVIANE, 2009, p.31-32)

Neste sentido, é necessária a reflexão das propostas do governo em relação à educação, pois políticas educativas tratam de amenizar a grande desigualdade social e não de promover a melhoria do processo de ensino-aprendizagem. É mais um modo de velar uma relação entre o governo e suas funções descrita nas Leis de Diretrizes e Bases da Educação, de promoção à universalização do ensino, e a real necessidade prática. Faz falta por luz na natureza da identidade da educação, visto que tal problemática não se limita a um setor social.

A Educação, em sua essência, para além das transformações históricas é uma atividade realizada em sociedade que promove a transmissão de conhecimentos e técnicas necessárias aos indivíduos da mesma. Há diversas maneiras, locais e pessoas que promovem essa atividade. No Antigo Egito, a formação educacional de parte da população ocorria no templo. No velho modelo medieval ela ocorreu em mosteiros e, posteriormente nas universidades. O Século das Luzes traz a inovação da universalização do ensino, entendida a classe trabalhadora.

Os modelos civilizatórios apresentam com clareza a intencionalidade da educação, qual a sua causa, a quem ela se estenderá etc. Mas para o modelo atual

falta essa clareza. Tanto uma compreensão teórica mais profunda como na atividade posta em prática.

No entanto, a falta de clareza sobre uma questão fundamental também faz parte do processo medieval. O que falta talvez não seja um conceito, mas sim um excesso de concepções e de ideologias que colocam o fenômeno educativo sob seu jugo. Os educadores, por sua vez, não reconhecem com profundidade esse fenômeno e acabam em se levar com o processo.

Essa fragmentação que gera a liquidez no modo de vida atual, não traz danos diretamente. O que provoca os danos é a falta da consciência encontrada nas pessoas, não necessariamente sobre a teoria da nova idade média. Mas uma clareza dos fenômenos social e econômicos atuais. As coisas mudam em um processo cada vez mais acelerado, os valores são eleitos para logo depois serem postos abaixo, se aceita qualquer coisa como “cultural”.

Em relação, a educação que promova também a consciência política Bauman (2009) reflete que “[...] Precisamos da educação ao longo da vida para termos escolha. Mas precisamos dela ainda mais para preservar as condições que tornam essa escolha possível e a colocam ao nosso alcance (BAUMAN, 2009, p.166)”. O fenômeno educativo promove um esclarecimento dos conhecimentos e acontecimentos e permite que as pessoas tenham uma opção de escolha sobre os mais variados aspectos de sua vida. Mas para garantir que todas as pessoas tenham essa possibilidade. Seria necessário um esforço consciente por parte dos cidadãos para efetivá-lo.

O que quando se pensa em necessidades de uma sociedade democrática não deveria ser tão difícil de mirar.

Assim, temos uma escola que sofre com todas as mazelas socioeconômicas, que tem de transmitir os valores da paz e convívio em um contexto de violência, e que deve promover uma consciência crítica que siga a risca os princípios propagados pelos governos e órgãos internacionais sem questioná-los.

Mas fica aí a pergunta como fazê-lo?

Quais os valores seguir?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Nova Idade Média se faz presente, as crises do modelo civilizatório continuam. A liquidez dos valores e atitudes perante a vida estão cada vez mais naturalizados.

“A vida líquida” e a “modernidade líquida” estão intimamente ligadas. A “vida líquida” é uma forma de vida que tende a ser levada a diante numa sociedade líquido- moderna. “Líquido – Moderna” é uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas. (...) A vida líquida e a sociedade líquida se alimentam e se revigoram mutuamente. A vida líquida , assim como a sociedade líquido- moderna, não pode manter a forma ou permanecer por muito tempo. (BAUMAN, 2009, p.7)

Tal concepção é aceita pelos cidadãos em seu cotidiano, visto que um indivíduo sozinho não tem possibilidade de mudar todo o ritmo da história. No entanto, o conformismo não é uma atitude que se possa aceitar facilmente. Esses fatos interferem diretamente na vida dos homens, portanto é de interesse dos mesmos mudar a postura perante a vida ou continuar neste mesmo processo.

A questão da escolha já citada por Bauman (2009) possibilita aos homens a possibilidade de conduzir, dentro de sua esfera de ação, sua própria vida. O que seria importante é que cada pessoa tomasse consciência dessa pequena esfera de ação.

Não se trata da transformação do mundo, mas de redescobrir valores já esquecidos ou desenvolver novos conceitos e ideias que deem conta de explicar e justificar nossas ações, como cidadãos e como educadores. Pois para transformar ou mudar algo é preciso, primeiramente, ter consciência deste objeto ou conceito a ser reformulado.

Essa atitude está na mão de todos.

REFERÊNCIAS

ALBERON, Francesco; COLOMBO, Furio; ECCO, Umberto; SACCO, Giuseppe. *La Nueva Edad Media*. Madrid, Aliança, 1984

BAUMAN, Zygmund. *Vida Líquida* 2º ed. Rio de Janeiro, Zahar, 2007.

BERDIAEFF, Nicolas. *Una Nueva Edad Media-Reflexiones acerca de los destinos de Rusia y de Europa* 5ed. Barcelona: Apolo, 1934.

MINC, Allain. *A Nova Idade Média*. São Paulo: Ática, 1994.

SAVIANI, Dermeval. *Escola e democracia* 41ed. Rev. Campinas: Autores Associados, 2009. (coleção Polêmicas do Nosso Tempo)

STEIMBERG, Délia Gúsman; FÍGARES, Maria Dolores. *Vem aí uma nova Idade Média?* . Lisboa: Nova Acrópole, 1996.

VACCA, Roberto. *A Próxima Idade média- A Degradação do Grande Sistema*. Rio de Janeiro: Pallas, 1985.

OLIVEIRA, Terezinha. *A Filosofia Medieval: Uma proposta de Reflexão*. In: COSTA, Célio Juvenal da (org.). *Fundamentos Filosóficos da Educação*. Maringá: EDUEM, 2005. (Formação de professores EAD; n.5).

